

SOCIEDADE CIVIL  
ENSAIOS HISTÓRICOS

Dilma Andrade de Paula  
Sonia Regina de Mendonça  
(orgs.)

## SUMÁRIO

Apresentação.....	7
Capítulo 1: Sociedade Civil em Gramsci – Venturas e Desventuras de um Conceito.....	15 <i>Sonia Regina de Mendonça</i>
Capítulo 2: O Pensamento de José Batlle y Ordóñez no Uruguai Donoventos – Componentes de sua Ideologia.....	27 <i>José Pedro Cabrera Cabral</i>
Capítulo 3: Sobre Poesia e Revoluções – O Sombro Martiano de Liberdade.....	41 <i>Leonardo J. Nunes</i>
Capítulo 4: Artífices de Novos Tempos, Pontes sobre Rios Violentos – Gramsci, Mariátegui e os Anos 1920.....	55 <i>Dilma Andrade de Paula</i>
Capítulo 5: Neofascismo, Violência e Coerção – A Outra Face da Democracia e da Sociedade Civil.....	71 <i>Tatiana Poggi</i>
Capítulo 6: Unidos por Catástrofes Permanentes – O que há de Novo nos Movimentos Sociais da América Latina.....	87 <i>Marrildo Menegat</i>
Capítulo 7: Entre Selvas – Capitalismo Verde, Hegemonia e Contra-Hegemonia.....	101 <i>Elder Andrade de Paula</i>
Capítulo 8: A Questão Setentrional – Amazônia, Natureza e Capitalismo.....	115 <i>Antonio Cláudio Rabello</i>
Capítulo 9: Gramsci e o Centauro Brasileiro – Notas para um Diálogo Sobre o Conceito de Estado Integral.....	131 <i>Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro Marinho</i>

©2013 Dilma Andrade de Paula, Sonia Regina de Mendonça (orgs.)  
Todos os direitos reservados pela Pico Editorial. Nenhuma parte desta obra  
pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio,  
em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a  
permissão da editora em texto.

P/2819 Paula, Dilma-Andrade de; Mendonça, Sonia Regina de (orgs.)  
Sociedade Civil: Ensaios Históricos. Dilma Andrade de Paula; Sonia Regina  
de Mendonça (orgs.). Ianduaí, Pico Editorial: 2013.

200 p. Inclui bibliografia. Vários autores.

ISBN: 978-85-8148-223-1

1. Sociedade Civil 2. Instituições 3. História 4. Gramsci .I. Paula, Dilma  
Andrade de II. Mendonça, Sonia Regina de

CDD: 301

### Índices para catálogo sistemático:

Sociologia: Filosofia, Teorias 301  
História Social 306.9

IMPRESSO NO BRASIL  
PRINTED IN BRAZIL  
Foi feita Depósito Legal

**P**  
**PICO EDITORIAL**

Av Carlos Sullis Block, 658  
Ed. Atlas do Arhangélio, 2ª Andar, Sala 21  
Arhangélio - Janduaí-SP - 13208-100  
11-4521-6315 / 11-7449-0740

## NEOFASCISMO, VIOLÊNCIA E COERÇÃO a outra face da democracia e da sociedade civil

Tatiana Poggi\*

Em artigo recente, Chambers e Kopstein procuram resgatar o debate sobre a sociedade civil, defendendo que esta esfera não consiste simplesmente num mundo onde impera o consenso, isento de coerção ou violência. Em “*Bad civil society*” (CHAMBERS; KOPSTEIN, 2001), os autores recuperam perspectivas liberais tradicionais sobre sociedade civil, as quais afirmam, ainda que por caminhos diferentes, que uma sociedade civil robusta e vibrante fortalece e enriquece a democracia. Remontando à visão toquevilliana de que as virtudes e viabilidades da democracia dependem da robustez da vida associativa (TOCQUEVILLE, 2000), Chambers e Kopstein investigam o sentido de democracia para o pensamento liberal, suas contribuições e limitações, e como foi se tornando consenso, influenciando fortemente o debate sobre sociedade civil. A questão da democracia é colocada, assim, em termos de possibilidade de livre participação e construção de sujeitos coletivos mobilizados em torno de uma causa ou projeto de sociedade. Uma sociedade civil robusta e desenvolvida ofereceria mais possibilidades para tal, e isso é entendido como um ambiente plenamente democrático.<sup>1</sup>

Mas que dizer de uma sociedade civil repleta de organizações autoritárias, intolerantes e antidemocráticas? Até que ponto organizações desse tipo contribuem para o fortalecimento da democracia? O artigo de Chambers e Kopstein faz com que nos defrontemos com essas questões e pensemos se apenas a existência de uma multiplicidade de formas associativas garante, por si só, mais democracia. “A questão mais importante com que nos deparamos é que tipo de sociedade civil promove democracia. Em outras palavras, a escolha não é realmente entre isolamento e participação, mas entre diferentes tipos de participação.” (CHAMBERS; KOPSTEIN, 2001, p.838)

---

\* Professora Substituta em História da América da UERJ-FFP. Doutora em História Social pela UFF. Endereço eletrônico: [tatiana.poggi@gmail.com](mailto:tatiana.poggi@gmail.com)

<sup>1</sup> Para esta vertente, a democracia restringe-se à quantidade e variedade de formas associativas. Deixa de lado o fato de que, em uma sociedade desigual, as oportunidades de participação política, realização profissional, ganhos materiais, acesso à cultura, etc. não são democraticamente distribuídas sendo, portanto, uma democracia imperfeita. Sobre esse debate os autores se referem aos trabalhos de: WALTZER, Michael. *The civil society argument*. In: MOUFFE, Chantal. *Dimensions of radical democracy*. London: Verso, 1992. COHEN, Joshua; ROGERS, Joel. *Associations and democracy*. New York: Verso, 1995. COHEN, Jean; ARATO, Andrew. *Civil society and political theory*. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.

Isso porque, segundo os autores, além das qualidades positivas associadas à sociedade civil como possibilidade de participação direta, liberdade de associação e construção de sentidos de coletividade, pertencimento e confiança, ela comportaria também um lado menos harmonioso, menos virtuoso, um lado “*bad*”. Partindo do caso de Benjamim Smith, membro da *World Church of the Creator*, que em julho de 1999 perseguiu a tiros judeus, negros e asiáticos, Chambers e Kopstein entendem que sociedade civil pode também ser palco de manifestações de violência e coerção e que o aumento da participação em organizações com tal caráter não fortalecem, ao contrário, enfraquecem a democracia, mesmo aquela pensada nos moldes do liberalismo. O artigo revela ainda que o debate acadêmico não tem dado conta das implicações teóricas e empíricas colocadas por essas expressões de violência organizada na sociedade civil, sendo frequentemente explicadas como inadequações, acontecimentos marginais, desvios à norma social.

O debate sobre o papel das expressões de violência na sociedade civil é também uma querela no campo do marxismo, em especial entre os interpretes de Antonio Gramsci. A discussão é deflagrada a partir das análises de Norberto Bobbio acerca das diferenças entre o pensamento de Marx e Gramsci. Bobbio pontua que a sociedade civil em Marx integra o momento estrutural, das relações materiais, condicionando e regulando o Estado. A sociedade civil é, desse modo, entendida como positiva, momento ativo, *locus* da mudança e do desenvolvimento histórico. O Estado, na interpretação de Bobbio, seria marcado por seu caráter coercitivo, entendido como um instrumento da dominação de classe, subordinado à sociedade civil. Diante disso, Bobbio conclui que a concepção marxiana de Estado seria respectivamente instrumentalizante, particularista e negativa.

O diferencial trazido por Gramsci, segundo Bobbio, seria principalmente o lugar distinto ocupado pela sociedade civil, não integrando mais o momento estrutural, mas o superestrutural, relativo às relações ideológico-culturais. “Bobbio parece supor que a alteração efetuada por Gramsci o leva a retirar da infra-estrutura essa centralidade ontológico-genética [explicação da história], explicativa para atribuí-la a um elemento da superestrutura, precisamente à sociedade civil.”(COUTINHO, 1981, p.88) Ao identificar na sociedade civil gramsciana o “novo motor da história”, base para toda e qualquer mudança social, Bobbio inverte a relação marxiana básica estrutura-superestrutura, além de identificar a sociedade

civil como o momento ideológico da superestrutura, estando, portanto, ausente a coerção, o controle e a violência.<sup>2</sup>

Entendemos que os conceitos gramscianos são mais bem entendidos quando tratados de modo combinado. Os pares conceituais do filósofo sardo se relacionam de forma dialética e, por essa razão, uma separação entre coerção e consenso, força e persuasão, dominação e hegemonia, sociedade civil e sociedade política, Estado ampliado e estrutura social só deve ser feita, quando muito, para fins didáticos.

Bobbio parece não dar maior importância a esse movimento imprescindível que é a dialética, talvez a maior herança de Marx em Gramsci. Ele interpreta os conceitos de forma demasiadamente separada, como se a sociedade civil fosse a esfera reservada à hegemonia e esta, por sua vez, fosse composta unicamente por relações de consenso e persuasão. Coerção, dominação e força; por outro lado, seriam exercidas na sociedade política, o que ele qualifica como componente negativa do Estado ampliado.

Visto desse prisma, contudo, como entender as expressões de violência e intimidação presentes na sociedade civil? Na pesquisa sobre neofascismo, desenvolvida durante o doutorado, procurei demonstrar que a sociedade civil está longe de ser um terreno restrito às relações pacíficas, pautadas no consenso. Organizações fascistas e outras correntes políticas violentas e autoritárias se desenvolvem no seio, e não à margem, da sociedade civil. (POGGI, 2012) Dados do *US Department of Justice* e de organismos privados como o *Southern Poverty Law Center* revelaram ainda que alternativas sociais com esse caráter se popularizaram e ganharam mais espaço justamente no momento em que se comemorava a vitória da liberdade e da democracia no mundo. Se o neoliberalismo e a democracia liberal são o caminho para a prosperidade e não existe outra alternativa, há algo no mínimo estranho com esse ideal que nos aprisiona em um mundo cada vez mais empobrecido e cheio de ódio.

Assim, é possível entender como a batalha do capital contra os direitos sociais e as políticas distributivas, típicos do reformismo, vai se tornando menos evidente conforme a construção de consenso em torno da agenda neoliberal, embora não cesse a batalha em nome

---

<sup>2</sup> A interpretação de Bobbio influenciou de formas diferentes muitos outros autores como Hugues Portelli, Giovanni Semeraro, Carlos Nelson Coutinho, etc. Foi também fortemente criticada no que diz respeito à inversão entre estrutura e superestrutura e à forma esquemática como aborda os conceitos gramscianos. Dentre os críticos destaque: ANDERSON, P. *Afinidades Seletivas*. São Paulo: Boitempo, 2002. DIAS, Edmundo Fernandes et alli. *O Outro Gramsci*. São Paulo: Xamã, 1996. BIANCHI, Alvaro. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008.

da democracia e da tolerância. É justamente nos anos 1990 e 2000 que surgem os mais incisivos programas privados voltados para a denúncia e auxílio a vítimas do ódio e da intolerância. É também durante a década de 1990 que é aprovada a emenda de agravante de crime quando motivado por ódio.

Em nome da democracia liberal, dessa particular faceta da organização do capital é que são defendidos muitos programas privados e políticas públicas desde meados dos anos 1980. Uma luta longa e árdua e que tende a se acirrar justamente quando, da crise social oriunda da mudança do padrão de dominação, surgem centenas organizações antidemocráticas e antiliberais; organizações que defendem uma outra faceta do capital, trazendo uma proposta autoritária, antiliberal, excludente, intolerante e não raro racista de sociedade.

A história do fascismo nos EUA não é um fenômeno recente, fruto da crise do modelo de dominação pautado no reformismo de base fordista-keynesiana, mas assim como na Europa, remonta ao entreguerras. Durante esse período, o fascismo também floresceu do outro lado do Atlântico. Existiam nos EUA organizações fascistas articuladas a nível nacional e internacional, promovendo reuniões, passeatas e comícios; produzindo material de propaganda política; distribuindo materiais produzidos na Alemanha nazista, etc. Assim como na Alemanha e na Itália, os grupos norte-americanos integravam o cenário político, defendendo uma visão de mundo, angariando adeptos e trabalhando em prol de um projeto de sociedade bastante distinto do liberalismo ou do mero segregacionismo. O desfecho das lutas, contudo, foi diverso do ocorrido na Europa, vencendo o reformismo encabeçado pelo Partido Democrata.

Ainda assim, expressões sociais e ideológicas de fascismo persistiram ao longo das décadas, chegando aos nossos dias, explorando antigas e novas formas de construir uma sociedade autoritária, intolerante e excludente dentro dos marcos do capitalismo. Como explicar, então, o recente crescimento e profusão do fascismo em países centrais e particularmente nos EUA, mesmo após processos socialmente traumáticos como o Holocausto? Por que, apesar do fim do conflito mundial, o fascismo persiste como ideologia e alternativa política, um passado que insiste não passar?

A pesquisa apontou cinco fatores que articulados ajudam a explicar por que parte da classe trabalhadora e da pequena burguesia foram atraídos por propostas neofascistas. São

eles: à rearticulação histórica dos setores conservadores desde meados dos anos 1940; a mudança direção reformismo, afastando-se promoção de políticas públicas voltadas para o pleno emprego e estreitamento desigualdades para promover políticas assistencialistas e defender lutas fragmentadas em favor grupos particulares; o processo de precarização da qualidade de vida, trazido pela reestruturação produtiva toyotista e pelo avanço do neoliberalismo; à forte reação às conquistas do movimento pelos direitos civis; o uso inteligente dos canais de mídia para organização política. O neofascismo é um fenômeno social complexo e perigoso, porque expressa descontentamentos legítimos acerca da queda de qualidade de vida nos EUA, canalizando os medos e as esperanças de setores sociais variados para uma alternativa política ainda mais discriminatória, desigual, opressora e violenta que a democracia liberal. (POGGI, 2012, p.98-190)

Apostando em estratégias variadas e sofisticadas de construção da cultura, as organizações atuais vão mobilizando um contingente crescente, se alimentando das mazelas estruturais do próprio sistema e da complacência gerada pelo preconceito, pela xenofobia e pelo furor contrarrevolucionário impressos na democracia liberal. Através da produção de materiais de mídia, cultos religiosos, comícios, eventos culturais ou atentados terroristas, organizações neofascistas promovem e incentivam a violência e a eliminação daqueles que não se encaixam no padrão humano e político envisioned.

As atividades de militância tornaram-se mais complexas, principalmente após a popularização da internet. Muitos grupos neofascistas procuram externalizar suas críticas, ressentimentos e reivindicações apostando em novas formas de fazer política, investindo em cultura e em educação. Ao adentrar a indústria cultural, as organizações não apenas ampliam os canais de difusão da mensagem, mas, fundamentalmente, passam a atuar como empresas, contando com um notável aparelho de promoção e propaganda, que inclui editoras, gravadoras, produtoras de vídeo, programadores de jogos, etc. Estratégias de luta tradicionais, como a disputa político partidária, foram gradativamente abandonadas ou, no caso das grandes manifestações públicas, como passeatas e comícios, reconfiguradas.

A *National Alliance* foi pioneira na defesa de uma proposta educativa, apostando na não violência física e na construção de consciência, aliando o tradicional trabalho de base à produção de variados materiais de mídia. Essa nova proposta de organização e atuação na

sociedade liderada por William Pierce passou a investir fortemente na criação e distribuição em larga escala desses materiais, visando ganhar os corações e as almas dos ditos arianos nos EUA. A *National Alliance* é até hoje a organização que mais produziu materiais de divulgação e é o exemplo mais bem sucedido do paradigma da organização-empresa, editando o tabloide *Attack!* e a revista *National Vanguard*, livros como *The Turner Diaries* e *Hunter*, produzindo longas e curtas metragens, transmitindo semanalmente o programa de rádio *American Dissident Voices*, desenvolvendo jogos eletrônicos e adentrando o mercado fonográfico.

O trabalho de base foi redirecionado das clássicas passeatas e comícios para a promoção de festivais variados e atividades em escolas e universidades, as quais vão desde a panfletagem e distribuição de material propagandístico a reuniões com estudantes para a apresentação das propostas da organização. Esses canais de atuação tornaram-se muito mais eficazes e atraentes com o desenvolvimento dos materiais de mídia. Os romances, quadrinhos e jogos eletrônicos potencializaram o alcance e a capacidade de mobilização do trabalho de base feito nas escolas.

Mais do que novos membros, a *National Alliance* procura conseguir novos aliados, novos adeptos de projeto de sociedade neofascista. A estratégia de conjugar trabalho de base com produção variada de mídia rendeu frutos, sendo a organização neofascista mais rastreada por entidades governamentais e privadas. Isso vem mostrar que, mesmo não defendendo o exercício da violência física direta ou outras ações ilegais, como roubos e falsificações, seu potencial gerador de violência e perigo social é grande.

Organizações como a *National Alliance* ou a *Aryan Nations*, que oficialmente condenam práticas de violência física, enaltecem publicamente aqueles o fazem e por vezes se beneficiam financeiramente desses atos. Pierce chegou enfatizar publicamente a importância simbólica dos feitos de Robert Matthews, integrante da *The Order* morto em operação da SWAT. (DOBRATZ; SHANKS-MEILE, 2000, p.195) Em nome da “causa ariana” e da construção do lar ariano no noroeste do EUA, esta organização se envolveu, nos anos 1980, em uma série atos criminosos: falsificação, assalto a bancos (Seattle U\$25.000 e Spokane U \$3.600), *shopping centres* (*Seattle’s Northgate shopping mall* U\$500.000), carros-fortes (*Continental Armored Transport Company* U\$40.000 e *Brinks* U\$3.600.000), o bombardeio da maior sinagoga de Idaho e o assassinato do radialista Alan Berg. O montante do dinheiro



roubado foi distribuído entre líderes de importantes organizações fascistas, dentre os quais Richard Butler da *Aryan Nations*, William Pierce da *National Alliance*, Tom Metzger da WAR, Louis Beam, Frazier Miller da *North Carolina Knights of the Ku Klux Klan* e Bob Miles de *Mountain Church*. (Idem. p 192-193)

Em outra ocasião, Pierce comprou uma propriedade da *Church of the Creator*, para livrá-la de ser arrestada pela justiça em um processo no qual essa organização era acusada pelo assassinato do marinheiro afro-americano Harold Mainsfield. A *National Alliance* havia comprado a propriedade visando resguardar as posses da *Church of the Creator*, no caso de perda da causa e possível sanção sob a forma de indenização.

A *White Aryan Resistance* apresenta-se no cenário político norte-americano como uma rede de indivíduos e informações, atraindo muitos *skinheads* racistas. Criada por Tom Metzger, em 1983, esse aparelho ligado ao universo *underground* procura promover uma estratégia de luta conhecida como resistência sem líder [*leaderless resistance*] ou do lobo solitário [*lone wolf*], além de difundir largamente materiais produzidos por organizações neofascistas formalmente estruturadas. A rede formada pela *White Aryan Resistance* conecta indivíduos de forma não hierarquizada e sem que se tornem formalmente membros. Atuam a partir de células restritas ou solitariamente, permanecendo a maior parte na clandestinidade, poucos se expondo como Metzger. Assim, não existem reuniões da WAR, não existe um líder, nem tampouco uma propriedade sede [*coumpound*], atividades coletivas públicas ou privadas.

A abordagem rebelde e não hierárquica, a linguagem escrachada e irônica e o corte classista da WAR cativavam *skins* racistas em particular. Poucas organizações incentivam o recrutamento de *naziskins*, algumas acabam usando-os como barreira de proteção em manifestações públicas, mas privadamente negam qualquer associação, impedindo-os de participar de reuniões organizativas e festividades. O movimento da WAR em tê-los assumidamente como público alvo, fez com que se sentissem acolhidos e propiciou a construção de importantes alianças.

Organizar *naziskins*, contudo, apresentou uma série de dificuldades, dentre elas, a falta de disciplina, a ansiedade e a raiva mal canalizada de uma juventude descontente e sem perspectiva. A vontade de chocar, ameaçar e afrontar o inimigo diretamente, seja carregando insígnias nazistas pelo corpo, seja incitando brigas aleatórias, acabam por expor e tirar de

circulação diversos militantes. Todos esses problemas levaram ao rompimento oficial da WAR com o projeto de organizar grupos de *naziskins*, optando pela estratégia da resistência sem líder.

O argumento em torno da ideia da resistência sem líder mistura elementos simultaneamente conspiratórios e de autopreservação contra um governo federal entendido como tirano, centralizador e autoritário, tolhendo a liberdade dos indivíduos de exercer escolhas e conduzir suas vidas ao modo que melhor lhes pareça. O indivíduo agindo solitariamente ou as células-fantasma, agremiação secreta composta por um número limitado de lobos solitários expressam uma visão de mundo paranoica e conspiratória.

A *White Aryan Resistance* valoriza mais a dimensão ativa dos lobos solitários, sua capacidade de agir no mundo, de provocar constantes alterações, ainda que microscópicas. Em contraste, na análise da *National Alliance*, pudemos observar como seus integrantes se preocupam-se em se preservar, expondo suas ideias mais que do suas pessoas. O exercício da persuasão constante via produção de materiais de mídia é considerado mais seguro do que formas de militância direta, em vista do conteúdo provocativo e violento da mensagem. A demasiada exposição e o comportamento muitas vezes agressivo e mordaz de muitos lobos solitários leva-os à perda de posições importantes no trabalho, à perda de poder econômico por indenizações e inclusive à prisão. A resistência sem líder tem sido criticada tanto por sua forma individualizada de organização política como pelo “desperdício do militante”.

A *Aryan Nations* é uma organização político-religiosa, ligada à *Church of Jesus Christ Christian*, igreja promotora de uma vertente particular do cristianismo, conhecida como *Christian Identity*. Ele tem sua origem no israelismo britânico de fins do século XIX, o qual pregava que as 10 tribos perdidas de Israel acabaram migrando, atravessando o Cáucaso e dando origem aos variados povos nórdicos e anglo-saxônicos. O israelismo britânico sustenta que os povos de origem celta e anglo-saxã seriam o povo escolhido de Deus, e não os judeus. Partindo dessa premissa, a *Christian Identity* afirma que os europeus brancos descendem do povo israelita mencionado na Bíblia; que Adão e Eva foram os primeiros brancos; que os judeus são descendentes do demônio, fruto da relação entre Eva e Satã; já os demais não brancos, usualmente identificados como *mud-people*, pertencem a raças pré-adâmicas, falhas

de Deus antes de conceber Adão em sua perfeição, portanto, subumanos. (BERLET; LYONS, 2000, p.270)

A popularização desse credo a partir dos anos 1970 muito se deve ao uso inteligente da religião como veículo político de convencimento, mobilização social e resistência. Explorando angústias sociais reais, derivadas de uma profunda crise agrária que assolou o meio-oeste entre os anos 70 e 85, a *Christian Identity* oferecia uma esperança de salvação. Porém, uma salvação que não se restringe ao sobrenatural, mas que começa na terra, por meio da militância política, da construção da cultura e articulação de um projeto de sociedade. Os sermões semanais, as atividades organizativas e os eventos recreativos são os canais para tal. Apesar da existência de outras organizações-congregações, a *Aryan Nations* é o mais importante veículo político de disseminação da *Christian Identity*, além de ser a principal referência dentre as organizações neofascistas promotoras de um projeto político teológico, superando em capacidade organizativa e mobilizadora outras religiosidades fascistas como o *Creativity* e os cultos neopaganistas nórdicos (Odinismo e Asatrú).

Os sermões, longe de seguirem uma linha carismática, são eventos sóbrios e sérios, momentos de reflexão conjunta do pastor e seu rabanho. Tal característica pode ser notada igualmente em outras aparições públicas dos pastores da *Aryan Nations*. As passeatas seguem um modelo bastante tradicional. O pastor vem em um carro adornado com bandeiras, seguido dos demais integrantes e simpatizantes carregando bandeiras, faixas ou placas. Nesse sentido, são eventos menos chamativos que os comícios do *American Nazi Party*.

Além de difundir a *Christian Identity*, a maior contribuição política da *Aryan Nations* para a resistência neofascista foi a promoção de passeatas públicas e grandes eventos como *Aryan Nations World Congress*, o *Aryan Fest* e o *Aryan Youth Festival*.

Durante o *Aryan Nations World Congress* e o *Aryan Fest*, são promovidas grandes discussões políticas, expostas propostas de atividades, existindo ainda espaço para apresentações culturais diversas. Tais encontros, ocorridos anualmente na propriedade de Hayden Lake, foram cruciais para articulação de grupos extremistas variados, dentre os quais: todo o tipo de neofascistas; segregacionistas, a exemplo dos neoconfederados e da *Ku Klux Klan*; de fervorosos anticomunistas e de grupos contrários ao pagamento de impostos. Os festivais são celeiro para o surgimento de novos grupos, como *The Order*, *Aryan Republican*

*Army* e *New Order*, além de proporcionarem o surgimento e o fortalecimento de alguns dos projetos mais ousados no universo neofascista - a construção do lar ariano no noroeste dos EUA - e a mobilização de jovens através dos concertos de música *white power*.

Se a aposta na militância direta por meio de congressos, comícios e festivais culturais foi o maior legado da *Aryan Nations*, ironicamente foi também sua perdição. Os eventos atraíam fervorosos adeptos, simpatizantes e curiosos, mas também elementos da oposição como jornalistas, acadêmicos e agentes das instâncias da lei e manutenção da ordem. Esses encontros se tornaram portas de entrada para elementos infiltrados, que obtinham informações sobre as atividades da *Aryan Nations* e de outras organizações ou indivíduos, transmitindo-as para os escritórios da polícia e da promotoria. Assim, se por um lado os eventos traziam visibilidade, possibilitavam interação social, organização e mobilização política, por outro, expunham os participantes, deixando-os vulneráveis às ações repressoras do poder público e de organizações civis privadas.

Como podemos perceber, os fascistas contemporâneos procuram trazer a política para o cotidiano. Daí o investimento em canais populares de difusão da informação e entretenimento. A mídia atrai por ser moderna, de fácil acesso, pelo custo relativamente baixo de produção e pelo imensurável poder de difusão. A religião torna-se instrumento refinado de luta, integrando a política ao cotidiano da vida familiar. Nos cultos é construída uma cultura particular, incultando em homens, mulheres e crianças uma dada mensagem e proposta de vida. O universo infanto-juvenil é, também, integrado ao projeto político pela produção de jogos, músicas e brincadeiras. Temos aqui então um conjunto de estratégias pouco ortodoxas de persuasão e construção de consenso em torno de um dado projeto de sociedade e formas distintas de sociabilidade que fortalecem o fazer político em uma dimensão inteiramente nova.

A análise das organizações enfocadas nessa pesquisa, a *National Alliance*, a *White Aryan Resistance* e a *Aryan Nations*, fundadas entre as décadas de 1970 e 1980, revelou que essas organizações não são um fenômeno sulista, nem pregam a volta a um passado segregacionista. Elas representam espaços de construção de consenso em torno de um projeto fascista de nação. Nelas, cultura, educação, alta tecnologia e fé encontram-se encouraçadas de

violência, discriminação, exclusão e autoritarismo. São também exemplos de estratégias de luta, público alvo e linguagens bem distintas.

Um traço marcante do fascismo contemporâneo é justamente o forte investimento na produção de material de mídia variado e o caráter empresarial presente em alguns grupos. A aposta em editoras, gravadoras (*Resistance Records*), promoção de bandas e eventos de *hate rock*, programas de rádio e de televisão em canais privados e o desenvolvimento de jogos infanto-juvenis reconfiguraram o modo de fazer política. As páginas eletrônicas das organizações contêm um volume extraordinário de material político-ideológico gratuito, e as assinaturas, quando exigidas, saem por preços acessíveis. É comum ainda a disponibilização de livros e documentos do terceiro *Reich*. Muitos *sites* funcionam como veículos de arrecadação de fundos (venda de camisetas, acessórios, CDs, livros, adesivos, posters, etc.) e interlocução entre os grupos, disponibilizando fotos dos eventos e manifestações, *links* de outras organizações, espaços virtuais privados para troca de ideias.

Nos anos 1990, surgiram as produções de materiais de áudio e audiovisual. Nesse departamento, destacamos o pioneirismo da WAR, e os esforços da *National Alliance*, na produção de filmes, programas de rádio e jogos eletrônicos. Apesar de pouco sofisticados, os filmes da *National Alliance* são bem ilustrativos do programa da organização, suas críticas e propostas. Em termos estéticos, os vídeos são sempre pouco ousados, tradicionalistas, com enquadramentos centralizados, vestuário e linguagem formais, além de carregados de um tom sério, intelectual, pseudo-cientificista, característicos dessa organização.

A WAR despontou no cenário político como um dos primeiros aparelhos a apostar nas novas tecnologias para conectar pessoas e disseminar ideologias e um projeto político-social. Antes mesmo das investidas da *National Alliance* no ramo multimídia, Metzger e seu filho John criaram em 1981 um boletim eletrônico, articulando ativistas em todos os EUA. Com a fundação da WAR vieram: o *site*; as vendas *on-line*; uma linha de telefone com mensagens programadas [*hotline*]; o programa de televisão *Race and Reason*; diversas aparições em programas de auditório famosos como *Geraldo*, *Oprah*, *The Whoopie Goldberg Show* e *Morton Downey Show*; e recentemente as transmissões *on-line* do *Insurgent radio show*. (MICHAEL, 2009, p.92)

Atravessando todos os materiais está a linguagem coloquial, objetiva do enunciador, que faz uso constante de ironias, gírias e palavrões. O tom rebelde desse modo particular de transmitir a mensagem visa chamar a atenção, chocar e atrair um público específico: jovens brancos da classe trabalhadora. No *site* existem entradas para piadas, arte gráfica, adesivos e papéis de parede que podem ser baixados ou comprados. Neles, vemos como a violência é passada de modo irreverente, fazendo uso aberto de um humor politicamente incorreto. Vejamos como ironia se afina com a crítica em uma das cenas do programa de televisão.

Te digo uma coisa. Se você quer saber o que o inferno é, espere até os brancos sumirem! (...) Tudo o que você conhece na civilização ocidental foi inventado por brancos. E você quer se livrar deles? Como você vai ficar quando os brancos se forem? Você vai estar em um barco furado sem remos, *baby!* (...) E você branco fica aí sentado! Aí você vai a Washington e diz: “Ah, estamos insatisfeitos com a saúde, ah. Ah, senhor Obama, o senhor faria algo por nós? Mas nós nunca reagiríamos com violência! Não, ah não. Ir a Washington com uma arma 3060? Ah, ah, nós não queremos esse tipo de gente! Não queremos ninguém que possa querer lutar por sua raça, ou por sua liberdade de expressão.(W.A.R., 2009)

Aqui temos um alerta, seguido de um claro desdém pelas formas institucionalizadas de protesto e implementação de reformas na democracia liberal. O discurso está ainda impregnado de ironias, pois o apresentador modifica sua voz e expressão corporal após o alerta. Metzger passa a imitar o falar de um homem inseguro, gaguejando, pausando o falar, com olhar baixo e voz chorosa. A insegurança da fala é complementada por pequenos movimentos com as mãos, amassando e rasgando o jornal, o que contribui para a construção do sentimento ansiedade, nervosismo, vergonha e intimidação do personagem caracterizado. Sua proposta para esse homem inseguro é uma saída de força. Ele deve exigir mudança por meio das armas. A posição autoritária fica explícita ao prezar por uma solução violenta e que evita o diálogo.

O investimento em projetos voltados para recrutar e engajar a juventude é hoje um dos campos mais arrojados no conjunto das estratégias de mobilização de pessoal empreendidas por organizações fascistas, além de ter se tornado um negócio lucrativo. No documentário *Louis and the Nazis*, produzido pela BBC, vemos uma variação da brincadeira popular conhecida como “amarelinha”, na qual as crianças pulam e cantam ao redor de uma suástica desenhada no chão. Crianças que cantem ou toquem instrumentos são incentivadas a compor canções próprias, voltadas para temáticas relativas à superioridade da raça e da cultura “branca” e a se apresentarem no *Aryan Fest*.

Nas revistas em quadrinhos produzidas pela *National Alliance*, observam-se críticas às políticas inclusivas e de bem-estar, ao multiculturalismo, à tolerância cultural e étnica. A história abordada no primeiro número enfoca principalmente o negro e as políticas integracionistas oficiais. Tudo apresentando numa linguagem bem atual e atrativa. A parte gráfica traz um *design* relativamente moderno, com *boxes* assimétricos e com movimento, além de caixas de diálogo com formatos variados. As últimas páginas trazem uma mensagem de “esperança”, já que um novo amanhã estaria chegando, e termina com um chamado à militância e à luta, convocando os jovens a se tornarem membros da *National Alliance*. A violência está implícita, banalizada como intriga corriqueira entre alunos.

Na página eletrônica da WAR estão disponíveis uma série de jogos de computador que podem ser baixados ou jogados em rede. Os jogos são simples, nada comparado à complexidade dos jogos desenvolvidos pela *National Alliance*, contudo mais variados e abordando questões atuais como, imigração ilegal, criminalidade e corrupção, homens-bomba, homossexualismo etc. Os jogos são marcados pela violência explícita, pela irreverência e pelo sarcasmo, traços característicos da WAR. Bin-laden, Saddam Hussein e o ator Eddie Murphy foram transformados em personagens dos jogos “*Bin-Laden Liquors*” e “*African Detroit cop*”. Outros jogos são “*Shoot the Blacks*”, “*Nazi Wolf 3D*”, “*White Power Doom Patch*”, “*Rattenjagt: kill jewish rats*”, “*Ghetto Baster*”, entre outros. O objetivo é o mesmo: eliminar o inimigo, os pontos são computados conforme o número de mortos.

Em “*Ethnic Cleansing*”, o objetivo do herói virtual é eliminar minorias, acumulando 10 pontos a cada latino eliminado e 15 a cada negro e judeu. O clímax do jogo está em conseguir matar Ariel Sharon, que se encontra no *jewish control center*, arquitetando planos para dominar o mundo. A violência explícita é premiada ao longo do jogo com sistema de pontos e justificada com o argumento da sanitização, impresso no título “limpeza étnica”.

Assim, é brincando que se molda um pequeno fascista, construindo desde sua mais tenra idade uma visão de mundo na qual o diferente não é digno de viver, precisa ser destruído. Nos jogos a única possibilidade de ação é matar, eliminar o diferente. Cenários são alterados, armamentos podem ser escolhidos, o perfil do personagem principal pode variar, mas há apenas um modo para se lidar com o outro, matando-o. Não existe a possibilidade de aprisionamento, comércio ou subordinação. Em contraste com uma proposta segregacionista,

nota-se que não se quer dominar, rebaixar ou explorar o inimigo, este tem de ser eliminado, pois não há espaço para diferenças nessa microrrealidade. A partir de jogos, brincadeiras populares e canções, as raízes da hegemonia ganham profundidade e também uma nova dimensão, uma vez que politicamente direcionadas.

Após percorrer brevemente a história do fascismo nos EUA, seu caráter peculiar em relação ao liberalismo e ao segregacionismo, as novas formas de fazer política e construir consenso, vemos como tais grupos fomentam conflitos na sociedade, principalmente na esfera da sociedade civil. Preconceitos vários, todos socialmente construídos, são alimentados ao extremo, naturalizando a violência. Crises, depressões e as limitações da democracia liberal em prover bem-estar e estabilidade mínimos são outros componentes, que levam multidões de desesperados a projetar seus medos em teorias conspiratórias e “bodes expiatórios”, concebendo soluções autoritárias como alternativas desejáveis.

O apelo e a popularidade de saídas autoritárias são sintomáticos da falência da democracia liberal. A sedução provocada pelo fascismo utiliza-se de condições sociais, políticas e econômicas desfavoráveis; envolve e fascina por apresentar, ao menos na retórica, soluções rápidas, seguras e definitivas para um cenário de descrença e instabilidade; torna-se irresistível por seu tom acusatório do “outro” como fonte do problema, isentando os demais de qualquer contribuição na construção de um cenário social adverso. É o sentimento de impotência ante a transformação de suas realidades particulares que torna os indivíduos propícios a serem seduzidos por propostas simplistas, aparentemente milagrosas.

A dimensão “*bad*” da sociedade civil vem crescendo em nossos tempos e mais do que um problema relativo ao preconceito culturalmente adquirido, à educação e informação insuficientes, ou à falta de representatividade e envolvimento cívico, a “*bad civil society*” é também um problema de justiça social. Grupos fascistas hoje se organizam primordialmente na sociedade civil, mas seu crescimento revela um problema social mais profundo. O caminho para uma sociedade menos intolerante e autoritária está justamente em olhar para além do âmbito da sociedade civil, incentivando não somente o trabalho de organizações privadas afinadas com o multiculturalismo e com a democracia, mas lutando igualmente pela implementação de políticas públicas inclusivas e uma sociedade menos desigual.



## **BIBLIOGRAFIA:**

- ANDERSON, P. *Afinidades Seletivas*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- BERLET, Chip & LYONS, Mathew. *Right-wing populism in America: too close for comfort*. New York: Gilford Press, 2000.
- BIANCHI, Alvaro. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008.
- CHAMBERS, Simone; KOPSTEIN, Jeffrey. Bad civil society. *Political Theory*.vol.29.N.6. December, 2001.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci*. Porto Alegre: L&PM,1981.
- DIAS, Edmundo Fernandes et alli. *O Outro Gramsci*. São Paulo: Xamã, 1996.
- DOBRAZ, Betty; SHANKS-MEILE, Stephanie. *The White separatist movement in the United States: white power, white pride!* Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 2000.
- MICHAEL, George. *Theology of Hate: a history of the World Church of the Creator*. Gainesville:Univ. of Florida Press, 2009.
- POGGI, Tatiana. *Faces do Extremo: uma análise do neofascismo nos EUA 1970-2010*. Tese de Doutorado. UFF, 2012
- TOCQUEVILLE, Alexis. *Democracy and the terrain of association*. New Jersey: Princeton Univ. Press, 2000.

## **FONTES:**

- Bureau of Justice Assistance. U.S. Department of Justice. A policymaker's guide to hate crimes.1997. Alderman Library, University of Virginia.
- White Aryan Resistance. *Race and Reason*. 2009. part 1, 2.<http://www.resist.com/RaceandReason.htm>. Página acessada em 14 de janeiro 2012.
- National Alliance. *New World Order Comix*. n.1.p.4 e 37.
- Páginas eletrônicas: White Aryan Resistance <http://www.resist.com/>. National Alliance <http://www.natall.com/>. Aryan Nations <http://www.aryan-nation.org/>.